

Crítica sobre jornalismo cultural: a atuação de Patrícia Galvão no jornal *A Tribuna* (Santos)

Márcia Rodrigues Costa¹

RESUMO

Este artigo aborda a atuação de Patrícia Galvão (Pagu) na fase final de sua vida, em Santos (SP), atuando no jornal *A Tribuna*. Uma análise de conteúdo revelou que, na coluna *Literatura*, produzida pela jornalista entre 1957 e 1961, estão presentes as características de sua produção ao longo de quatro décadas de dedicação à imprensa: a divulgação da vanguarda, a preocupação didática, a autonomia intelectual, a defesa da *Literatura* como forma de emancipação social e o diálogo com escritores. Patrícia Galvão situa-se em uma geração que contribuiu para modernizar o debate de ideias e a própria linguagem dos periódicos. A produção destes intelectuais reforçou o papel do jornal como instrumento de análise e crítica frente às discussões sobre cultura e sociedade, o que permite entender a imprensa como um território de conflitos que abriga várias produções simbólicas.

Palavras-chave: jornalismo cultural, intelectuais, comunicação, literatura, Patrícia Galvão.

1 Introdução

Patrícia Galvão dedicou seus últimos anos de sua vida, entre 1954 e 1962, ao jornalismo cultural, escrevendo em *A Tribuna*, o maior periódico de Santos e um dos mais antigos do País. Também atuava como militante cultural, alternando a presença na redação ao convívio com os artistas, prática comum entre seus pares, a exemplo de Mário e Oswald de Andrade. Nos anos 50 realizava eventos, traduzia e produzia peças de teatro, práticas complementares às quais se dedicou após abandonar a militância político-partidária.

Em *A Tribuna* Patrícia criou colunas semanais sobre *Literatura*, teatro e TV e foi repórter de cultura, além de ter traduzido na imprensa obras de autores como Sigmund Freud, Eugène Ionesco, Fernando Arrabal e Franz Kafka. Em 1956, criou uma das primeiras colunas sobre TV no país, intitulada *Viu? Viu? Viu?*, escrita sob o pseudônimo Gim. Na coluna *Cor Local* abordava temas que diziam respeito ao desenvolvimento da cidade. Registrava o que se passava no universo artístico no espaço dominical *Literatura Artes Cultura* e na seção *Artes e Artistas*. Criou duas colunas veiculadas no suplemento sociocultural *A Tribuna: Palcos e Atores*, sobre dramaturgia; e *Literatura*, esta última objeto de análise deste artigo, que se iniciou em 1957 e foi suspensa em 1961, totalizando 188 textos.

Os textos da coluna *Literatura* expressam sua trajetória e seu capital intelectual: o caráter didático de sua produção, a autonomia intelectual, a crença na emancipação social pela cultura, a

¹ Doutoranda em Comunicação Social (Universidade Metodista de São Paulo)

defesa da vanguarda, as referências às suas relações culturais. Na seção abordou autores e suas obras (ênfase no modernismo e cânones literários); eventos culturais locais, nacionais e internacionais; políticas culturais locais e nacionais e também discutiu o jornalismo cultural, comentando a produção dos cadernos culturais e a crítica realizada no país. É sobre esse último enfoque que este artigo se debruça.

Suas fontes eram as publicações internacionais e nacionais sobre crítica literária – jornais e revistas europeias, americanas e brasileiras – a exemplo da revista *Nouvelle Revue Française*, do jornal *The New York Times* e do semanário francês *Arts*, entre os mais importantes suplementos e revistas culturais do País, além do contato com escritores, editores e intelectuais que a informavam sobre a movimentação no campo literário. A vasta biblioteca de 8 mil livros que mantinha em casa também lhe fornecia amplo material de pesquisa.

A crítica de Patrícia abria espaço predominantemente para o movimento vanguardista literário, tendência que percorreu os mais importantes suplementos culturais do país – *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário Carioca* e *Jornal do Brasil*, conforme pesquisa realizada por Alzira de Abreu (ABREU, 1996, p. 47).

O gênero opinativo, no qual se insere a crítica, é identificado na coluna por meio do uso de adjetivos e expressões opinativas, das interpretações e metáforas que pontuam seus textos. Praticava um jornalismo de combate, de influência francesa, que ia aos poucos sendo substituído pelo modelo americano. A descrição é seguida, muitas vezes, da abordagem de valores, externando opiniões que revelam sua intelectualidade, típica da concepção de um jornalismo autoral, de um autor que possui estrutura e estilo próprios.

A produção jornalística de Patrícia espelha a polivalência de seu capital simbólico (BOURDIEU, 2004), marca da geração modernista, e de uma personalidade precursora e revolucionária. Cercada pelas palavras, foi escritora, militante política, jornalista, tradutora, crítica de letras, artes, televisão e teatro, poeta-desenhista, diretora de teatro e ativista cultural. Em um período em que a literatura tendia a ter espaço limitado na imprensa, divulgava obras de referência, incentivando a leitura e a produção cultural. O recurso didático utilizado por Patrícia tinha como intuito auxiliar o leitor a preencher as lacunas de sua formação.

A noção de campo de Pierre Bourdieu auxilia na compreensão da prática do jornalismo cultural de Patrícia Galvão e do papel do jornal *A Tribuna* em contextos institucionais e sociais mais amplos com os quais estabelecem diálogos tanto a especialização jornalística (editoria cultural) quanto o veículo (de âmbito regional), em suas disputas e tensões típicas da cultura. Bourdieu considera que a sociedade ou a formação social é composta por campos de forças de grupos e

classes – onde se encontram as estruturas sociais, distribuições desiguais de poder, lutas de classe e posições diferenciais dos integrantes dessas classes –, ou seja, onde o poder simbólico permeia as relações de domínio e subordinação. Assim, relaciona cultura e hegemonia a uma hierarquia de bens simbólicos. Um jornal, por exemplo, usa de seu poder para selecionar as publicações as quais dará espaço, configurando-se como um espaço ocupado pelos agentes de força e o capital simbólico.

[...] o campo literário é simultaneamente um campo de forças e um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecida: cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico (BOURDIEU, 2004, p. 172).

O conceito do sociólogo nos permite enxergar o papel social de Patrícia Galvão no universo das letras, no diálogo situado entre o campo jornalístico e o campo da arte (literatura), entre leitores, autores e donos de jornais. Bourdieu (1997, p. 111) situa a atuação dos “intelectuais-jornalistas” em “um campo incerto entre o campo jornalístico e os campos especializados (literário ou filosófico etc.)”. A atuação de Patrícia Galvão também enriquece uma reflexão em torno do processo de modernização da imprensa brasileira naquele período, incluindo o discurso de autonomização dos produtores de notícia que buscava redefinir os vínculos entre os campos jornalístico e político e com a própria literatura, marcante até os anos 1950.

Além da inovação de discussões, na imprensa brasileira moderna as redações passaram por inovações na linguagem, como o combate ao beletrismo e uma aproximação do texto ao coloquialismo. Aliadas a este panorama, vieram as transformações técnicas, com a introdução da reportagem e da entrevista e da proposta de uma crítica de arte mais breve e participante. Durante muitos anos, segundo José Salvador Faro (2007, p. 30), “a produção jornalística confundiu-se com a produção literária, com um exercício descompromissado do estilo, no lugar da informação e da objetividade que a urbanização exige”, panorama modificado quando da intensificação do processo de urbanização e da complexização das relações sociais, aponta o autor. Entre 1920 e 1950 escritores se afastaram ou foram afastados da imprensa, ou passaram a atuar menos como críticos, cronistas e articulistas e mais como mão-de-obra interna nas redações, afirma Cristiane Costa (2005, p. 13). Na época da industrialização da imprensa e da urbanização das cidades, quando se criaram demandas por espaços públicos e surgiram as universidades, a aproximação de escritores dos jornais diários, revistas e periódicos especializados possibilitou a existência de um circuito de críticos de literatura, de teatro, artes e cinema, ressalta Sérgio Luiz Gadini (2004, p. 150). As expressões artísticas alcançaram maior legitimidade por meio da imprensa e, nas décadas de 1940 e

1950, consolidou-se um mercado de bens culturais, também marcada pela troca dos intelectuais literatos pelos intelectuais acadêmicos. A partir dos anos 50, assim como o estilo autoral, o jornalismo de combate, crítica, opinião e de doutrina passou a ser substituído pelo modelo de jornalismo americano de jornalismo objetivo e texto conciso, que substituía o modelo francês. A mudança, no entanto, não excluiu a literatura dos jornais, que ocupou os suplementos, o novo espaço do jornalismo cultural, dando origem à especialização. A atuação de Patrícia Galvão na imprensa da época se dava justamente no exercício de seu capital simbólico² como jornalista, militante cultural e escritora, na defesa de um jornalismo de reflexão, pontuado pela formação de leitores, pela valorização da arte e das ideias modernistas.

2 Crítica sobre a crítica - Sobre a crítica cultural e os suplementos e revistas culturais

Na coluna *Literatura* a colunista escreve sobre o trabalho dos críticos e os suplementos culturais dos jornais. Por considerar que não adotava certas práticas típicas da crítica literária, Patrícia não denominava sua coluna como um local destinado à crítica:

Uma coluna de crítica tem a responsabilidade de avaliação mais ou menos de acordo com a mentalidade dominante, porque os críticos raramente se saem de seus cuidados, de suas 'igrejinhas', de suas combinações com as editoras, e reagem de acordo com elas, ou, melhor, não reagem, acomodam-se. Para esta generalização deveremos opor a inefável restrição bondosa de que, sem exceções, não há regra válida. Assim, felizmente, aqui não se faz crítica (A Tribuna, 13 de março de 1960, p. 4).

Ainda que o espaço fosse claramente destinado à crítica literária, a jornalista se autodenominava uma cronista e não atribuía a si a função de especialista – a coluna seria uma forma de prestar um serviço ao leitor, insistia.

Esta seção não é de crítica de livros, não deve ser confundida com crítica literária: ela trata apenas marginalmente das coisas da literatura. Mas não seria faltar ao dever de divulgação chamar a atenção, imediatamente, para o romance de Helena Plaut, este 'Trem para o futuro', que demorou tanto em ser publicado? (A Tribuna, 15 de maio de 1960, p. 4).

A jornalista comenta, em várias ocasiões, o papel dos meios de comunicação na divulgação da cultura e os suplementos culturais. Em 13 de março de 1960 (p. 4), critica o baixo nível da qualidade dos programas de rádio e de TV e faz menção também ao nível da literatura presente nos

² Bourdieu estabelece quatro tipos de capital: econômico, cultural, social e simbólico, que influenciam nas relações sociais. O capital simbólico deriva da interação dos três tipos de capital e é representado pelo respeito, confiança e poder (significa crédito e somente é concedido pela confiança do grupo), afirma Elinor Karin Sauer (2007, online). Garantias materiais e sociais podem gerar maior capital simbólico. Os tipos de capital servem como fontes de poder.

suplementos jornalísticos.

Não falo dos suplementos de leitura fácil e geral, mas daqueles em que alguma coisa como Poesia, Literatura, Crítica, História, costuma repontar... Aos primeiros, chamava um grande industrial do jornalismo brasileiro de 'suplementos coca-cola', doce, gazozo, refrigerante, barato, pequeno, de consumo que não fazia mal nenhum aos consumidores, sendo que também não fazia bem nenhum. Hoje, os suplementos literários passaram a ser coisa séria, com estudos, com poesia de verdade, com contos selecionados, com artigos de crítica e de história. A cultura entrou neles...

Em contrapartida, alega que o rádio continuava afastado da sua função de difusor da cultura. “[...] mais estações e mais gente sem responsabilidade da imensa função educativa e cultural do rádio está tomando tôdas as suas horas, programas, minutos, anúncios, textos, de publicidade ou não”. E conclamou a discussão do problema em congressos de escritores, nas universidades, comissões de cultura, departamentos especializados, entre representantes da psicologia e da sociologia, autoridades da língua, enfim, pela sociedade.

Patrícia ressaltava o espaço dos suplementos dos jornais como, talvez, a única opção para os poetas divulgarem seu trabalho. “Os poetas, esses, então raríssimo é o caso, não encontram editores e vivem de editar os seus livrinhos em edições magras e mal apresentadas, porque doutro jeito só lhes restam as páginas dos suplementos dos jornais”.

Em *A Tribuna* mostrou sua adesão ao protesto de três representantes do mundo letrado sobre a corrupção no mundo das letras, registrado na revista *Mundo Ilustrado*, no texto intitulado “Corrupção nas letras” (3 jan. 1960, p. 7). Conta que na publicação Teixeira Leite lançara sua revolta condizendo-se farto “‘dessa vida literária toda à base de 'Príncipes da Poesia' e de comemorações de Jucas-Mulatos, de intelectuais semi-analfabetos e de arrogantes pseudo-escritores de chás na Academia de Letras da Presidente Wilson, de uísques na da São José, de elogios deslavados e - a palavra seria outra – sem nenhuma importância’.

Outro colaborador do *Jornal do Brasil*, o jovem crítico e experimentalista literário José Carlos de Oliveira, complementara:

As colunas, dita literárias, que os jornais se acostumaram a publicar, transformaram-se em fatores de corrupção do escritor. Não resta nenhuma dúvida que a coluna literária faz com que o escritor passe a gostar da farsa. E nada há de mais nojento e prejudicial a um artista do que transformar o que ele tem de mais preciso, que é a sua vida, numa farsa. Vocês sabem muito bem que com o título de escritor pode-se arranjar até um bom casamento. Isto porque a idéia de que alguém escreve, de que é capaz de criar mundos reais pelo poder de sua imaginação, faz com que o escritor perca, perante os demais, a sua condição de pária da sociedade e assumo o caráter de príncipe encantado. Sabemos muito bem que a realidade é outra... ' (apud Galvão).

Já Assis Brasil, crítico do *Suplemento Literário do Jornal do Brasil*, homem de carreira do

Itamarati, acusara os literatos “de organizarem a barreira que retarda e sufoca a evolução da literatura brasileira”. Como exemplo, citou a rejeição de originais de Clarice Lispector por Ênio Silveira, editor que lança José Condé 'com dez mil exemplares, escritor menor, mas com bons motivos para ser editado, pois se trata de um colunista que dá cobertura a 'seu' editor e é amigo dos demais colunistas'. Assis Brasil denomina os colunistas literários de 'donos da literatura' e 'tubarões das letras e açambarcadores de 'glórias'.

Assis Brasil cita que “matronas da high society” se aventuram pelo campo literário “ - talvez por influência dos coquetéis – e lançam seus livros ou ameaçam. Enquanto isso, a verdadeira literatura está lá em baixo, enxovalhada”. PG finaliza o texto com a seguinte reflexão: “[...] há muito de falso em tais glórias feitas à sombra das coluninhas literárias. É triste tudo isso porque revela que deveremos ainda lutar muito pela valorização efetiva das coisas, pelo reconhecimento dos valores exatos”.

Ao abordar o papel dos suplementos de jornais, Patrícia apontou que eles supriam ineficientemente a ausência de revistas de literatura e deixavam de falar de temas considerados essenciais por ela, a exemplo do centenário de morte de Eugênio Sue, “o folhetinista mais lido no século passado e começo deste, tanto na França quanto no Brasil”. Em “Centenário de Eugênio Sue” (11 de maio de 1958, p. 7) o descreve como um “romancista que escrevia para os rodapés da imprensa, com um grande senso de oportunidade na comunicação dramática romanceada, a tal ponto que o seu romantismo tocava diretamente a alma popular contemporânea”.

Não parece ter sido tratado o recente centenário da morte de Eugênio Sue, nessas válvulas literárias que são os suplementos dominicais, onde se supre bem ou mal, sempre mais mal do que bem, a falta de revistas de literatura que valham o nome, no Brasil. Eugênio Sue será um desprestígio para colegas dos Suplementos?

Apresentou uma biografia do escritor francês, filho de “família provençal” de médicos, autor de oito grandes romances, “quase todos esquecidos”, entre eles o mais conhecido no mundo (“embora depreciado”), *Os Mistérios de Paris*, “banhado por um idealismo socialista e democrático”. Em “Anjo da Paz, o poeta Joaquim Cardoso” (01 de setembro de 1957, p.7), escritor pernambucano praticamente desconhecido na época, segundo a jornalista, também ressalta o simbólico esquecimento do Dia do Poeta pela imprensa, que se lembrou de abordar o Dia do Soldado.

Em contrapartida, alguns trabalhos de crítica em jornal são referenciados pela jornalista. A seção *Escritores e Livros*, dirigida por José Condé, no jornal *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), é

considerada por ela como “brilhante”. Na sua avaliação, a Condé deviam muito as letras, “pelo trabalho de abelha que ele realiza para todos os leitores”, afirma na coluna intitulada “Príncipe dos Poetas” (24 de maio de 1959, p. 4).

Fez inclusive sugestões para se aprimorar a discussão sobre cultura nas publicações. Ressaltando a falta de crítica ao livro estrangeiro no texto “Clarice Lispector em Foco” (24 de abril de 1960, p. 4), afirma que este tipo de trabalho vem sendo realizado de forma deficiente e sugere à revista *Senhor* que delegue esta tarefa à escritora, recém-contratada pela publicação para comentar obras literárias.

O que eu queria dizer ao editor é que o editor reservasse mesmo Clarice Lispector para a crítica do livro estrangeiro, que anda muito malbaratada por aqui, principalmente pelos donos de vanguardas em ismo, que são donos de colunas literárias alviçareiras [sic] e que quase sempre engolem gatos e dizem o gosto da lebre.

O lançamento de uma coletânea de críticas de Antonio Olinto, do jornal *O Globo* é, destaque da coluna *Literatura* em 14 de fevereiro de 1960 (p.4), “Porta de livraria”. Afirma que o *Caderno de Críticas* incidiu “num rico período de produtividade da literatura brasileira”, além de apresentar estudos sobre nomes célebres da literatura mundial, a exemplo de Jean Paul Sartre e William Faulkner.

É claro que todo crítico traz consigo uma dose de sensibilidade, de cultura e preferência, mas ao espírito moderno, e em Antônio Olinto é o que se encontra, importa que haja em extensão e profundidade uma informação atuante, contribuindo para a visão particular ou panorâmica de cada aspecto que ele quer focalizar. E então, é aí que vale a saborosa inflexão dada à participação ativa desse cronista, que procura “compreender”, sem situar no cientifismo estatístico que desintegra, em benefício de um planejamento industrial, a existência humana filtrada em termos de obra de arte, qual na poesia, na *Literatura*, no teatro, acontece... Antonio Olinto nega o domgatismo [sic] medroso de uma 'máquina de criticar', o que seria muito cômodo, e se constituiria, mesmo, numa fuga: Todos os que se apegam aos muitos idealismos, que uma parte da filosofia do nosso século vem pregando, tendem para a criação dessa máquina. E enquanto esta não aparece, cada um deles se julga a própria máquina de criticar' (sic).

Colocando-se contra “a máquina de criticar”, o autor afirma que ‘É pelo humano que me bato’. Sobre a obra, Patrícia destaca a vantagem de ler a crítica de forma contínua, ao invés de se ler “separadamente, semana a semana, de quinze em quinze dias”. “A unidade do pensamento crítico e a qualidade da apreciação ressaltam doutra força, quando se procede a uma comparação assim”.

Em “Por uma antologia da “*Revista Acadêmica*”” (22 jun. 1958, p.4), reforçou a importância da *Revista Acadêmica* como a revista que defendia a liberdade intelectual, e endossou a sugestão de Rubem Braga de se realizar uma antologia da publicação, “que de acadêmica não tinha

nada”, criada por Murilo Miranda em 1933 e que completava 25 anos.

O que é importante é que essa revista foi a que mais atraiu colaborações de toda a intelectualidade brasileira do tempo, e que ela fez números especiais sobre vários escritores e artistas, mantendo através de todo o tempo de sua publicação os mesmos princípios que a orientaram no início: contra os totalitarismos, contra a opressão, contra os regimes infensos à liberdade humana.

Colaboraram para a revista, segundo ela, todos os grandes nomes da vanguarda literária nacional, como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Murilo Mendes, Rubem Braga, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Raul Bopp, Adalgiza Nery, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, além de nomes internacionais como Máximo Gorki e Upton Sinclair. A revista produziu números especiais sobre as obras de Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Machado de Assis, Lasar Segal, Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade.

Em “Dois cadernos culturais” a jornalista aborda publicações realizadas no Rio Grande, pelo Instituto Estadual do livro (20 dez. 1959, p. 7). O volume VII, sob responsabilidade de Agostinho da Silva, aborda a vida e a obra de Fernando Pessoa, enquanto o volume IX, a cargo de Luiz Carlos Maciel, enfoca o trabalho de Samuel Beckett. Patrícia enaltece as iniciativas – a despeito da perspectiva que o autor adotou para falar de Pessoa – e elogia Liz Carlos Maciel por “um trabalho notável na sua significação até agora isolada, porque ninguém se abalçou a escrever sobre Beckett no Brasil, mesmo em livrinho, assim pequeno, mas abordando os aspectos que conduzem ao principal problema da solidão humana, em que se situa o imenso dramaturgo e romancista”.

A jornalista acompanha também a crítica literária realizada em Portugal. “Estrada Larga”, além de ser o título de um texto de 1958 (20 de jul. de 1958, p. 4), dá nome a uma antologia da Porto Editora, de autoria de Costa Barreto, produzida nas páginas de um suplemento de jornal, *Comércio do Porto*. O jornal, segundo Patrícia,

[...] publicou inúmeros especiais sobre aspectos e pessoas da literatura portuguesa e das artes também, e assim pela incidência de juízos, ampliou-se o pensamento de reunir os trabalhos melhores e marcantes, com a noção de que assim se poderia reunir a voz, as vozes de cada geração 'obra de fatores diversos', livrando-se do destino tão transitório que no jornal ficava.

O trabalho é elogiado pela jornalista como “uma boa direção de divulgação e discussão cultural, recolhida em páginas cotidianas [...]”. Cita o sumário formado por representantes da literatura portuguesa, a exemplo de Fernando Pessoa e Almeida Garrett – e elenca alguns nomes que intervêm nesta coletânea, literatura que integra sua biblioteca particular, comprovando seu interesse pela produção literária portuguesa:

[...] Adolfo Casais Monteiro, Antônio Pedro, Afonso Duarte, Fernando Namora, Hernani Cidade, João Gaspar Simões, Jorge de Sena, José Augusto França, José Régio, Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga, Vitorino Nemésio, Jaime Cortezão, o mesmo Costa Barreto – para uma seleção pequena que faço da citação de nomes que estão nas estantes cá de casa [...]

Recomendando a aquisição da obra, sugere que o exemplo seja seguido por outros suplementos.

Penso, então, que este exemplo – oh quanto frutificarão os bons exemplos? - penso que este espelho tão rico de refrações poderia inspirar os donos da imprensa, os conselheiros das alturas da Direção, para que os Suplementos realizassem uma Obra nestas altitudes, pelo menos de quando em quando, e não fossem apenas a 'coca-cola' que se sabe serem, exceção feita, a certos aspectos do Suplemento do 'Jornal do Brasil', menos um tanto, do 'Diário de Notícias, ambos do Rio, que cuidam, em muito de qualidade, não obstante certa unilateralidade.

Em “Cinquenta anos de uma revista” (29 de março de 1959, p. 4), felicitando os 50 anos de *La Nouvelle Revue Française*, apresenta a publicação como de grande importância para sua atualização literária: “Continuamente, durante anos e anos, esperávamos da França, a cada mês, que 'La Nouvelle Revue Française' nos trouxesse a informação, o debate, o aparecimento de uma obra nova, francesa ou européia, de qualquer recanto da Europa, notas, crônicas, debates”. Patrícia mantinha em sua biblioteca a coleção completa da revista³ por onde passaram “os nomes e os textos mais ilustres da literatura mundial deste século, e a crítica e o debate literário”.

A admiração pelo memorialista e crítico de arte Sérgio Milliet, de quem era muito amiga, é declarada no texto “Ontem – Hoje – Sempre” (14 de agosto de 1960, p. 4), onde aborda o lançamento da obra *De Ontem, de Hoje, de Sempre*, que narra suas memórias, uma espécie de continuação dos dez volumes dos *Diários Críticos*. Em sua opinião, Milliet é alguém, entre intelectuais e literatos paulistas, que tem coisas para contar e o livro seria um registro do escritor “viajante, em sua ronda pela vida e pelas artes, por leituras e panoramas. Quem quiser com ele imaginar o que ele viu, é ler este suave livro de lembranças”.

Debruçou-se também sobre o novo livro de Afrânio Coutinho que dá nome ao título de sua coluna, “Da crítica e da nova crítica” (30 de março de 1958, p. 4). Inicia abordando a dificuldade de o leitor comum compreender a obra de Coutinho, um dos primeiros a exercer o ofício a partir de uma formação específico (até então, os especialistas forjavam seu capital cultural durante sua trajetória, a partir de sua experiência autodidata). Alega que o crítico “difícilmente colherá leitores distraídos. Os leitores atentos são difíceis no Brasil. Melhor seria pensar em estudantes de literatura e dos seus problemas”. No entanto, a erudição do crítico e seu empenho são valorizados por ela.

³ Informação fornecida por Geraldo Galvão, filho de Patrícia Galvão, também jornalista.

Excepcionalmente bem dotado, Afrânio Coutinho, devotando-se à crítica, estudo à luz do 'new criticism', e se colocou, mais do que um divulgador, como um aplicador das teorias que informam aquelas tendências de maneira a corrigir nossas idéias e nossos hábitos, de crítica impressionista... Mesmo numa notícia como esta, não cabe a ligeireza de colocar A.C., somente, como 'néo-criticista'.

Mesmo sem demonstrar muito entusiasmo pela obra – ressalta fazer pouca questão, como muitos, de distinguir o que é crítica do que não é crítica -, Patrícia chama a atenção do leitor para a importância do livro, que mostra uma posição nova sobre a crítica brasileira. Apresenta um breve resumo do currículo do autor, que havia começado a trabalhar há 18 anos e há dez contribuía semanalmente no *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) com a coluna *Correntes cruzadas*, cujo conteúdo foi reunido em sua obra. “Como aqui as coisas andam muito devagar, a propagação deste livro precisa ser feita, mesmo fora da crítica normativa, das seções de rotina, como esta crônica se apresenta”. Finaliza o texto reconhecendo que a crítica caminha para uma “caracterização própria, uma especialização”.

Seu texto registra a mudança do panorama da crítica, ocorrida na década de 50, momento em que ocorre a substituição paulatina dos intelectuais autodidatas pelos intelectuais acadêmicos - os “críticos-cronistas” e os críticos-professores”⁴, conferindo ao campo cultural a característica das disputas pelo poder, conforme Bourdieu (2004, p.170) destaca em sua obra. Nos anos 1940 e 1950, a “crítica de rodapé”, exercida no jornal pelos bacharéis não especializados, triunfa. Nos anos 1950, há uma espécie de rixa entre os antigos “homens de letras”, defensores do impressionismo, do autodidatismo, e entre a geração de críticos acadêmicos, forjada nas universidades, como é o caso de Afrânio Coutinho. “O rodapé, segundo a nova geração de críticos, era uma espécie de guia de leituras, e tinha o objetivo de influir sobre a literatura brasileira, desde os escritores até os leitores” (LORENZOTTI, 2007, p. 60). Do duelo entre os “críticos-cronistas” e os “críticos professores”, há a vitória “parcial” dos últimos. “No entanto, em 1960, os jornalistas atribuem à produção acadêmica características de um oponente, qualificando-a como um jargão incompreensível para o chamado leitor médio”, explica Flora Sussekind (apud LORENZOTTI, 2007, p. 60).

A atenção de Patrícia volta-se novamente para Afrânio Coutinho em um momento posterior, quando parte claramente para o embate contra acadêmicos da literatura. Em “Aprenda, menino, aprenda” (3 de jul. de 1960, p. 7), inicia o texto com a seguinte observação:

Um crítico perde ainda um domingo inteiro de sua secção para afirmar que literatura se aprende a fazer. No país da improvisação, vai ser mesmo difícil e demorado chegar-se a admitir o pensamento de Afrânio Coutinho, que não precisava estar perdendo tempo com

⁴ Termos cunhados por Flora Sússekind (apud LORENZETTI, 2007, p. 60).

isso, se não sentisse o mal tão generalizado. Isto é, escritores que começavam escrevendo por simples disponibilidade, sem mesmo verificar a importância semântica do que estão dizendo. Daí o engano, ledô e cego, em que navegam tantas ambiçõeszinhas, neste país do Carnaval, onde o mínimo que um escritor muita vez tem não passa da audácia...

Ao contrário do que defende o crítico literário Afrânio Coutinho, Patrícia acredita que literatura não se aprende “ensinada mas travada em luta de técnica e de vida, pois há um material...”. Para ela, literatura era sinônimo de belas artes, “num verso, numa frase”. Em seguida, conceitua obra de arte:

Uma obra de arte, resumindo, facilmente, para vocês que se aproximaram dessas linhas num domingo, uma obra de arte, amigos, é um desejo de alguém, transfigurado pela consciência de uma ação de tornar a êsse desejo, em idéia, um pedaço tangível e imperecível de realidade – não de realismo – para o que o desejo inicial tem necessidade de plasmar um material, modelá-lo, convertê-lo na concepção nascida entre ele, desejo, a vontade, a idéia e o próprio material que dará corpo a essa imagem... Entendido Não? Então leia de novo. Mesmo que tenha entendido, leia de novo. É a explicação mais simples...

De acordo com a colunista, “pelo desejo chega-se à idéia, à ação conceptiva e executiva”. Sem este material pronto, explica, “ele não será manejável”, e o escritor ou poeta ficará “sem expressão, sem linguagem, sem realização”. O desejo seria, então, “o projeto, o amanhã, ou o depois de amanhã”, conforme tematiza um célebre poema de Fernando Pessoa, cujo trecho é reproduzido pela jornalista. Lembra que Pessoa só conquistou o mundo 25 anos, após sua morte. “Uma experiência vivida, o estudo do material, o desejo dêsse amanhã e a ação. Aí estão alguns elementos, menino, que me perguntas o que deve ser feito para que nasça de teu desejo uma obra literaria que mereça o nome”, finaliza.

O último texto de PG, “Apertar o cinto” (26 mar. 1961, p.4), aborda as relações do cronista (ou crítico literário) e do leitor e enfatiza a profissionalização do seu ofício.

Na passagem do tempo, as relações cronista-leitor, muitas vezes, constituem uma obrigatoriedade a que nenhuma das partes desejaria escapar. Outras vezes, o cronista não é notado; o leitor passará, facilmente, sem ele. Muitas vezes, mesmo, o cronista, que é por obrigação um registro do tempo, não acha muito importante o que faz, e pouco se lhe dá de despedir-se, aqui ou ali, da coluna sob a qual colocou sua atenção, suas preocupações diárias, ou semanais... Passará, daí em diante a fazer outra coisa; pois hoje produzem-se crônicas para ganhar a vida, não para divertir leitores desatentos ou capazes de alguma afeição, nem para gabar-se alguém de ter o seu nome no alto ou ao pé de uma crônica. O tempo do amadorismo, na imprensa, já passou, e cronista é ofício.

3 Canal de divulgação da cultura

Como muitos intelectuais e escritores de sua geração, Patrícia Galvão levou para a redação,

em meados do século XX, uma formação forjada no movimento modernista. Pertenceu a uma geração que dialogava com a imprensa a partir de uma escrita mais reflexiva, que, segundo Silviano Santiago (2004, p. 158), produzia por uma crítica baseada no exercício criterioso da razão e da sensibilidade e não no resultado de indagações acadêmicas de caráter teórico-metodológico.

Os temas abordados revelam a atualização da jornalista com as novidades literárias da cidade, do país e do mundo. Parte do movimento vanguardista, Patrícia manteve o espírito modernista e a fidelidade ao projeto coletivo de renovação estética, defendendo no jornal o cânone representado pela Semana de Arte Moderna (1922) e pelo Manifesto Antropofágico (1929)⁵.

A autonomia intelectual diz respeito a uma liberdade editorial alcançada pela jornalista por conta de seu capital cultural, forjado na escola de formação clássica e nas relações com o campo cultural. As convicções sobre liberdade, a personalidade revolucionária e o capital intelectual lhe permitiram adotar uma postura crítica. Ser casada com o secretário de redação também contribuía para a autonomia que conquistara em *A Tribuna*. Acrescenta-se o fato de o gênero opinativo ser portador, por si só, de uma maior autonomia, ao possibilitar a prática de um texto mais subjetivo, autoral.

Sua coluna expressa outra característica: a circulação de Patrícia pelo campo cultural, onde se identifica o diálogo com escritores e intelectuais (principalmente com modernistas), estabelecidas quando morou em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Paris, o que contribuía para sua atualização e para a manutenção do seu capital simbólico.

O contato (seja através da obra ou de encontros pessoais) com nomes como Jorge Amado, Érico Veríssimo, Sábato Magaldi, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Adolfo Casais Monteiro, Sérgio Milliet, Flávio de Carvalho, Lygia Fagundes Telles, Paulo Emílio Sales Gomes e a leitura dos mais importantes jornais e revistas do mundo a colocava em contato com a inovação literária. Ela apresentava ao leitor suas relações culturais, profissionais ou de amizade.

4 Algumas conclusões sobre a contribuição de Patrícia para o jornalismo cultural

A crítica de Patrícia abria espaço predominante para o movimento vanguardista literário, tendência que percorreu os mais importantes suplementos culturais do país, conforme Alzira de Abreu (1996, p. 47). Quando a literatura tendia a perder espaço na imprensa, divulgava obras de

⁵ O novo e a aventura são elementos presentes em suas produções literárias: os romances *Parque Industrial* e *A Famosa Revista* e os contos policiais reunidos na obra *Safrá Macabra* – os primeiros inovaram na forma e o último no conteúdo, em uma época em que o conto policial era pouco produzido no Brasil.

referência, incentivando a leitura e a produção cultural. Seu recurso didático tinha como intuito auxiliar o leitor a preencher as lacunas de sua formação.

Militava na seção *Literatura* por políticas culturais mais democráticas, buscando levar, por meio de uma mídia massiva, a informação sobre cultura para além do interesse dos pares – artistas, intelectuais, escritores, jornalistas. A crítica ácida faz do jornalismo cultural de Patrícia um espaço para a inquietação e a promoção de debates. Exemplo disso é o enfrentamento a críticos como Afrânio Coutinho. Produzia uma análise contextualizada das questões artísticas, situando o tema na sociedade. Sua intervenção no espaço público, refletindo as problemáticas locais e mundiais, representa o papel dos intelectuais e suas disputas e tensões típicas do campo cultural.

Diferente da geração de intelectuais acadêmicos da revista *Clima* – a exemplo de Antonio Candido –, que atuava no *Suplemento Literário do jornal O Estado de S. Paulo*, a geração autodidata de Patrícia, forjada em 1922 – a maioria escritores –, era ardorosa e sanguínea. Por outro lado, tal qual a produção da geração *Clima*, a crítica de PG também tinha como base a pesquisa, e não apenas comentários e interpretações pessoais.

Embora assumisse uma postura didática e lance mão do coloquialismo como forma de se alcançar uma fala mais próxima do cotidiano – uma das marcas do Modernismo –, a colunista não tinha interesse em baixar o nível da linguagem em detrimento do chamado “leitor comum”, a exemplo de posição sustentada também por Antonio Candido na concepção do *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*.

A autonomia de Patrícia (seu capital simbólico ou cultural) lhe garantia a liberdade para posicionar-se contra o que discordava, defendendo uma produção cultural de qualidade. Ela cumpre uma das principais funções do jornalista cultural – informar sua opinião, deixando claro que o que expressa em sua crítica é fruto de sua formação e personalidade. Cabe ao crítico “informar uma opinião informada” (CARDOSO, on-line). Carregado de subjetividade, explicitando o uso de primeira pessoa, seu texto não busca revestir a opinião de um caráter factual ou científico. Desejava realizar uma interlocução com o leitor por meio do diálogo, em tom intimista.

Tal qual Antônio Candido (LORENZOTTI, 2007, p. 48), Patrícia buscou evitar dois extremos: o tom excessivamente jornalístico e o tom excessivamente erudito. Este critério demonstra que a distância entre críticos acadêmicos e autodidatas (formados fora da universidade) não era tão grande em relação à técnica, e sim motivada por conflitos dentro do campo cultural, ou seja, pelas disputas de poder (ou de espaço). Patrícia insere-se no rol de intelectuais e escritores que colaboraram para modernizar a linguagem nas redações, quando jornais como o *Diário Carioca*

introduziram, além da técnica do *lide*, inovações que correspondiam ao idioma escrito e que se distanciavam do beletrismo.

Sua intenção comunicativa voltada para o propósito da educação, da arte, da transmissão de informações ou opiniões, demonstra que Patrícia, ao difundir a informação especializada em um suplemento popular, não via o público leitor como agentes da massa. O sociólogo Raymond Williams (1921, p. 313) ressalta que, além da posição social, é preciso detectar a intenção da transmissão da comunicação, avaliando a atitude daqueles que controlam os meios – ou, neste caso, dos que trabalham para eles – e verificando como encaram o público. A relação entre o jornal e o público leitor, outra dimensão importante na análise de campo de Bourdieu, aponta a relação de forças entre os agentes culturais, onde o papel social de Patrícia Galvão era fundamental para estabelecer novas tensões no campo do jornalismo e propor novas relações com os leitores.

Ao contextualizar a produção cultural, intelectuais como ela intervêm no espaço público, refletindo as problemáticas locais e mundiais. Embora as grandes publicações e autores do passado tenham hoje pouco equivalentes, ao mesmo tempo a imprensa “não vive sem autores que sejam capazes de informar e interpretar, isto é, de formar as pessoas de modo que elas sejam desafiadas a ter opinião própria, a ter uma curiosidade conseqüente, a dar valor às armas do espírito” (PIZA, 2003, p.116). Segundo o autor, apesar dos problemas, “profissionais que não se entregam ao superficialismo dos tempos” ajudam jornais diários e revistas semanais a “manter um patamar mínimo de qualidade” (p. 115), transformando cadernos culturais em uma forma de resistência. Diagnosticando como um dos principais problemas a falta de uma presença mais densa, mais intensa, de um “olhar cultural”, o autor sinaliza que os intelectuais universitários perderam a capacidade de escrever para um público mais amplo (p.115 a 117).

Pizza reforça a necessidade de o jornalista cultural se informar a respeito dos mais diversos assuntos, condição essencial para aprimorar “a avaliação dos produtos e eventos culturais, de suas personalidades e tendências, nas formas da crítica, da entrevista, da reportagem e da coluna, em suas mais diversas camadas de tratamento, em seus mais diversos suportes (jornal, revista, Internet, rádio, TV, livro)” (PIZA, 2003, p. 119). Recorrendo a Carlos Peixoto (2005, p.126), cremos que, mais do que informar, o jornalista deve adquirir conhecimento e divulgá-lo ao mundo. Adquirir o saber é uma condição para o “ser e estar no mundo”. A valorização dos jornais pelo viés do intelectualizarão é uma saída para a crise do jornalismo, defende o autor, que cita como exemplo o jornal *Le Monde*, da França. Peixoto defende a intelectualização do jornalista

“[...] como prática de busca e propagação coletiva de conhecimentos. Ela irá superar o conceito usual de que o jornalismo é apenas a geração mecânica de informações, que podem ou não levar a um conhecimento do mundo. Esse *conhecimento*, entendido como a apreensão intelectual da realidade, a percepção dos fatos e das coisas, a compreensão da existência própria e alheia, enfim, a descoberta do *ser* e *estar no mundo*, passa a ser norma e não apenas meta do jornalismo (2005, p.127).

Munida do seu capital simbólico, a jornalista e intelectual Patrícia Galvão unia o pensar e o agir, nutrida por um grande amor pela arte e uma enorme força para defender as causas nas quais acreditava. Eis a principal característica dessa militante cultural, que fez das palavras suas ferramentas de batalha.

Referências

- ABREU, Alzira Alves de (org.); RAMOS, Plínio de Abreu ... [et al]. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- COSTA, CRISTIANE. **Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CALDAS, Maria das Graças Conde. Ética e cidadania na formação do jornalista. In: **Comunicação & Sociedade**: revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Umesp, n. 44, p. 85-101, 2005.
- FARO, José Salvador. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania**. Disponível em: <<http://www.jsfaro.pro.br/livros4.shtml>>. Acesso em 7 de setembro de 2007.
- GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: A produção da cultura no jornalismo brasileiro**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS).
- LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento literário, que falta ele faz! 1956-1974 – do artístico ao jornalístico**: via de morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- NEVES, Juliana. **Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: a experiência do suplemento literário do Diário de S. Paulo nos anos 40**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo (SP).
- SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- SAUER, Karin Elinor. **Capital social e Espaços sociais de Crianças e Jovens em Sociedades Multiculturais**. Um estudo comparativo entre Califórnia (EUA) e Baden-Wuerttemberg (Alemanha). Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/96/53>>. Acesso em 11 de maio de 2016.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura: 1921-1988**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Entrevista:

GALVÃO FERRAZ, Geraldo. Entrevista pessoal concedida a Márcia Rodrigues da Costa. São Paulo: jul. de 2006.

Textos de A Tribuna:

Coluna Literatura (1957-1961) – Setor de Pesquisa de A Tribuna.

REVIEWS ON CULTURAL JOURNALISM: THE WORK OF PATRÍCIA GALVÃO IN A TRIBUNA (SANTOS)

ABSTRACT

This article discusses the role of Patrícia Galvão (Pagu) at the end of his life, in Santos, acting in The Tribune newspaper. A content analysis demonstrated that in column *Literatura*, produced by journalist between 1957 and 1961, are there the defining characteristics of her production in four decades of dedication to the press: the spreading the forefront, the didactic preoccupation, the intellectual autonomy, the defense of literature as a form of social emancipation and the dialogue with writers. Patrícia Galvão is located in a generation which contributed to modernize the discussion of ideas and the very language of the magazines and periodicals in which they participated. The production of these intellectuals stressed the role of newspapers as an instrument of analysis and criticism in face of the discussions on culture and society, which allows the understanding of the press as a territory of conflicts which shelters different symbolic productions.

KEYWORDS: cultural journalism, intellectuals, communication, literature, Patrícia Galvão.

CRITICA ACERCA DEL PERIODISMO CULTURAL: EL TRABAJO DE PATRÍCIA GALVÃO EN A TRIBUNA (SANTOS)

RESUMEN

En este artículo se analiza el papel de Patrícia Galvão (Pagu) al final de su vida, en Santos, actuando en el periódico *A Tribuna*. Una análisis de contenido apuntó que, en la columna *Literatura*, producida por la periodista entre 1957 y 1961, se presentan características definitorias de su producción, en más de cuatro décadas de dedicación a la prensa: la difusión de la vanguardia, la preocupación didáctica, la autonomía intelectual, la defensa de la literatura como una forma de emancipación social y el diálogo con los escritores. Patrícia Galvão integra una generación que ayudó a modernizar el debate de las ideas y el lenguaje de las revistas. La producción de estos intelectuales fortaleció el papel del periódico como una herramienta de análisis y crítica frente los debates sobre la cultura y la sociedad, lo que nos permite comprender la prensa como un territorio de conflictos que alberga varias producciones simbólicas.

PALABRASCLAVE: periodismo cultural, intelectuales, comunicación, literatura, Patrícia Galvão.

Recebido: 19.07.2015

Aceito: 23.02.2016

ⁱ O termo “suplemento coca-cola” foi utilizado por Assis Chateaubriand para descrever o novo tipo de caderno cultural que substituiria o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo, criado por PG e Ferraz. Conforme o empresário da comunicação, o novo modelo deveria trazer “uma nova feição, algo que o povo lesse, 'um suplemento coca-cola'” (NEVES, 2005, p. 164), em contraposição à densidade do primeiro. Por isso o casal não aceitou o convite de Chateaubriand para comandar a nova publicação.